

## RÉQUIEM DE UM GOLPE ANUNCIADO

## REQUIEM DE UN GOLPE ANUNCIADO

## REQUIEM OF THE ANNOUNCED COUP D'ÉTAT

Júlio César Ribeiro<sup>1</sup>

*jcezarr@hotmail.com*

**RESUMO:** Dois tipos de “golpe” cresciam internamente à sociedade, e os dois legariam inevitável retardamento político no campo da esquerda, especialmente a partidos políticos e movimentos sociais. Um corria nas entranhas da própria esquerda, por sua reorientação tático-estratégica e os cismas e traumas por ela criados. O outro, o golpe de Estado jurídico-parlamentar, era o menos esperado, pela quantidade de suborno e cadeiras consentidas pelos governistas a bolsos e personalidades historicamente representativas do atraso. Completados, ironicamente, treze anos do governo petista, dito de centro-esquerda, a direita retoma o poder, com o interesse de minar os poucos e parques ganhos sociais ajuntados e, mais do que isso, preparar a retomada da privatização do que resta dos recursos estratégicos a um país que sempre “sonhou” proeminência. Os enxadristas são conhecidos: os entreguistas endógenos e os senhores da “casa grande” imperial. Prossegue o colonialismo, muito por culpa da esquerda. Afinal, da direita neonazista não se esperaria nada diferente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imperialismo. Esquerda. Direita. Poder. Golpe de Estado.

**RESUMEN:** Dos tipos de “golpes” crecieron internamente en la sociedad, y los dos legarían retardo político inevitable en el campo de la izquierda, especialmente los partidos políticos y los movimientos sociales. Uno corrió en las entrañas que dejan su reorientación estratégica y táctica y los cismas y las fracturas creadas por ella. El otro, el golpe de Estado legal y parlamentaria, fue el menos esperado, la cantidad de sobornos y sillas toleradas por los bolsillos a favor del gobierno y personalidades históricamente representativas de la demora. Exhaustividad, irónicamente, trece años de gobierno del PT, dijo que el centro-izquierda, derecha recaptura de la marcha deportiva para socavar los pocos magro agrupados ganancias sociales y, más que eso, preparar la reanudación de la privatización de lo que queda de los recursos estratégicos un país que siempre ha “soñado” prominencia. Los jugadores de ajedrez son conocidos, endógena sumisos y los señores de la “casa grande” imperial. Continuando con el colonialismo, tanto a la izquierda culpa. Después de todo, la derecha neonazi no debe esperar algo diferente.

**PALABRAS CLAVE:** Imperialismo. Izquierda. Derecha. Poder. Golpe de Estado.

**ABSTRACT:** Two kinds of “coups” grew internally to society, and the two leave an inevitable political delay in left field, especially the political parties and social movements. One ran in the very entrails left by its tactical and strategic reorientation and the schisms and fractures created by it. The other, the stroke of legal and parliamentary State, was the least expected, the amount of bribes and chairs condoned by the pro-government pockets and historically representative personalities of the delay. Completeness, ironically, thirteen years of the PT government, said the center-left, right recaptures power walking to undermine the few meager bunched social gains and, more than that,

---

<sup>1</sup> Prof. Dr. da UFMS/CPTL. Integrante do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT) e do Centro de Estudos Regionais e Socioambientais (CEReS).

prepare the resumption of privatization of what remains of strategic resources a country that has always “dreamed” prominence. Chess players are known, endogenous submissive and the lords of the “big house” imperial. Continuing colonialism, much to the left blame. After all, the neo-Nazi right should not expect anything different.

**KEYWORDS:** Imperialism. Left. Right. Power. Coup d’état.

## PRELÚDIO: PARTITURAS INICIAIS DA SINFONIA

Cabeças treinadas para competir  
Semente de toda ambição (...)  
Fez um pacto com o Diabo  
e se perdeu na escuridão.<sup>2</sup>

Pretendemos listar informações que se acumulam há pouco mais de duas décadas, desde que adentramos os portões da universidade, em 1995, onde e quando assistíamos, quase atingida a maioria etária, pela vitória no pleito presidencial, a subida ao poder de um intelectual que havia muito iludia pertencer à esquerda, o qual legou um governo de todo azar de privatizações e descalabros político-econômicos. Tudo, junto e inter-relacionado, gerenciado pela figura desse ex-presidente e ex-professor, a indiretamente fomentar, pela consequência dialética à gestão neoliberal e como solução aos males desestatizantes e militarizantes,<sup>3</sup> concorrendo para ganhar a qualquer custo as eleições, ao processo de aceleração da corrosão do então maior partido de “esquerda” brasileiro, pela adesão da maioria da população à legenda petista (ora chamada de centro-esquerda, moderada, socialdemocrata etc.<sup>4</sup>). Elementos contextuais que contribuíram à nossa formação acadêmica e para a qual o cantinho do CEGeT, representada por aquela primeira geração, desempenharam papéis substanciais.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> Zé e José, Zé Geraldo. *CD Um Pé no Mato, Um Pé no Rock (Ao Vivo)*. São Paulo, Sol do Meio Dia/Unimar Music, 2006.

<sup>3</sup> “Militarizante” não só pelo feitiço contrarreforma agrária (de vez que a empreendida priorizava o lucro dos grileiros/pseudoproprietários e não os necessitados de chão, pão, voz e vez, que sofriam com a jurisdicizarização da questão agrária e inúmeros massacres, como o de Eldorado dos Carajás-PA, em 1996), como por movimentar tropas e tanques de guerra para ocupar as refinarias da Petrobrás e amedrontar os grevistas do setor, em maio de 1995, dentre destemperados absurdos típicos apenas aos congêneres déspotas. Aliás, quando deixou o governo, FHC citou inúmeras vezes a Maquiavel. Parece ter-se esquecido de que um dos grandes ensinamentos do mestre italiano é que a força do príncipe se mede pelo nível positivo da relação estabelecida com o povo (MAQUIAVEL, 2005).

<sup>4</sup> Para efeito de memoração, nossos cursos universitários, de graduação e mestrado, na Unesp prudentina, conviveram com as duas gestões de FHC (1995-1998 e 1999-2002). Já na primeira gestão petista (2003-2006), nos encontrávamos noutra instituição, em outra fase de estudos. Ulteriormente a isso, deu-se a reeleição de Lula (2007-2010), a qual pesou decididamente para a sucessão petista, com o empossamento de Dilma Rousseff (2011-2014), reeleita em 2015 (-2016?).

<sup>5</sup> Fica o registro de que, ao mesmo tempo em que lapidávamos convergências políticas comuns ao grupo, edificávamos paralelamente caracteres pessoais e bastante específicos, pela filtragem e intersecção singulares

Coincidentemente a nosso percurso como cidadão, cuja principal fonte de informação deixava de ser os noticiários da TV e os livros comerciais e ideológicos que facilmente chegam à mão e ouvidos civis pelos poros educacionais e comunicativos que antecedem a universidade, o país topava com outra de suas tantas encruzilhadas.

É essa quadra confusa e nebulosa que encobre pelo menos duas décadas que optamos por versar, essencialmente os quesitos primordiais que entendemos representar as esquerdas, como os aspectos geopolíticos nacional e estrangeiro e a feição tecnológica e militar que a cúpula governista vislumbrou radicar, de modo a balizar o passadiço da transição de nossa formação socioespacial, boicotada, porém, momentaneamente que seja, nesta segunda metade da década de 2010, pela suspensão do direito de governação petista, mediante uma trama jurídica-parlamentar-midiática, sob muitos aspectos, golpista.

Retrocedendo um pouco, recordaremos que, no dia em que defendíamos nossa dissertação na banca unespiana prudentina, em dezembro de 2001, algo marcante acontecia do outro lado da fronteira: o presidente Fernando de la Rúa decretava, por pouco tempo que fosse, estado de sítio na Argentina, resultado da crise econômica e do caos social que afligiam o país (aumento dos quadros de desemprego, pobreza, fome etc.), insuflada e muito por agentes forâneos que lucram com a proveitosa desgraça da desigualdade socioespacial combinada e acordada “por cima”, pelos chefões globais da politicagem e do rentismo do capital-fantasma, historicamente acatada pela lumpemburguesia portenha, altamente neoliberal e privatista, como a instaurada à época pelo ministro Cavallo, de Menem e de la Rúa (ESTADÃO, 19/12/2001).

De lá para cá, mudanças, em todas as escalas, em todos os escalamentos e tramas territoriais do poder. De um modo geral, os Estados latino-americanos foram tomados por governos antineoliberais e pró(neo/sub)desenvolvimentistas. (Razão de alcançarem o poder diversos líderes populares: ex-sindicalistas, ex-guerrilheiros, indígenas etc.)

No Brasil, em específico, como citado, a aceleração do neoliberalismo e a radicalidade protonazista dos governantes (por parte de ex-teóricos e pseudomilitantes de esquerda que chegaram a chamar professores e aposentados de vagabundos) abriram brechas eleitorais à esquerda *soft* – segundo expressão emprestada de Bihr (1999).

---

resultante da participação em movimentos estudantis, grupos de estudos marxistas e acalorados debates, refrescados por tubaínas e embalados pelos saudosos sons do nosso melhor rock.

---

Eis que, aproveitando-se da insatisfação e da desilusão causadas por governos liberalizantes e desestatizantes, com apego quase hollywoodiano ao *marketing*, a conchavos e alianças escusas e costuras ao escuro, feitas no umbral da politicagem com poderosos mandarins bancários e midiáticos, um representante da dita esquerda, na sua quarta tentativa, subiu a rampa do Planalto. (Algo de que alguns dos mais respeitados sociólogos paulistas da época duvidavam, pela tradição ultraconservadora de nossas elites.)

O sujeito era nordestino e, secundada por ora a análise sobre a inclinação ideológico-libertária, possuía o passado de trabalhador braçal, de metalúrgico e de sindicalista.

Figurava – esse era, ao menos, o desejo – o prenúncio de uma pá de terra aos perigos vestigiais de retrocesso político, representado por golpismos e por militares que ainda se pretendiam protagonistas e, entre outros, às forças reacionárias da Nação, ressentidas de que ex-escravos pudessem votar e decidir eleições e, até, pisar no mesmo recinto que os senhores.

(Amarga) Ilusão.

A verdade é que tais forças não esvaneceram. Novos “hitleres” proliferam sob o verniz sofisticado da democracia. Como o comunismo, nunca acaba. Fica na berlinda o extremismo radical de direita, na espreita, esperando o momento de voltar à ribalta.

Aliás, o que a direita extremista não se quer convencer é que, ao acusar os comunistas de retrógrados, não soluciona a situação: de ser o comunismo a cria do capitalismo, ou seja, que são as mazelas objetivas que gestam e regeneram a insatisfação material e espiritual e, uma vez que o regime burguês se esgota até em nível promesheiro, outras ideologias ganham a cena, de forma deliberada ou sob outras capas (humanistas, organicistas, cristãs, emancipatórias etc.).

Eis, pois, que a ferocidade economicista das ações da direita abriu brecha à incorporação política da “esquerda”, aqui e em alhures.

Saberia ela governar? Como o faria? O que guardaria efetivamente de esquerda?

## **INTERLÚDIO: A ESQUERDA NO PODER LINHAS GERAIS DO (NOVO) MAPA POLÍTICO**

A base populacional que alçou a “esquerda” ao poder pouco ou nada tinha de ideológica, no sentido clássico. Cheirava a um humanismo que rendeu frutos interessantes,

num primeiro momento: quer pela diminuição de diversos índices de desigualdade e injustiça social, quer pelas demais políticas inclusivas (cotas “raciais”, educativas, participativas etc.).

Não havia interesse em mexer no vespeiro, no ninho territorial das cobras: no poder da terra, da água e de quaisquer recursos nevrálgicos sobrevalorados pelos senhores imperiais e escudados pelos lacaios tupiniquins, os quais permaneciam concentrados (pouco se fez com distribuição de terras a trabalhadores e povos marginalizados: indígenas, quilombolas, caiçaras etc.; pingando aqui e ali socorros pontuais, e longe da urbe ficticiamente valorada).

Nessa transformação “por cima”, demasiadamente temerária ao rebentar de golpes de Estado, a ausência física e ideológica do povo fragilizava o andamento do projeto de nação, caracterizada pelo cabo de guerra das forças (civis e militares) em disputa, latentes ou explícitas. O fingimento da existência de um pacto<sup>6</sup> precoce (com os de cima) apenas adormeceu quem mal havia acordado à participação da vida pública (os de baixo).

A personalidade do primeiro presidente petista, a propósito, era a de comumente evitar o conflito e sempre evitar o confronto, talvez menos por lucidez estratégica do que pelo caráter político que havia décadas se perfilhara negociador e consensual ao ponto da renuência subserviente. Some-se a isso o envaidecimento pela autoimagem – como vários analistas observam –, como se o próprio se autobastasse: “o cara” da conciliação (simularia o Obama das guerras, ganhador da hipócrita premiação nobelista), aquele que faria o que ninguém “nunca antes na história deste país” fora capaz...

Autoconfiança excessiva. (Um bocado do fetiche *personal* de que o próprio Stálin morreu refém.<sup>7</sup>)

A política partidária realizada internamente ao PT (comandada pela ala Articulação), de abafar correntes dissidentes e torná-las desdenhadas e insatisfeitas, ao ponto da exclusão ou autoexclusão, foi, assim transparece, conduzida ao tablado nacional.

---

<sup>6</sup> No âmbito social, o governo dizia propor um novo pacto de classes (subsidiado na conversação e na negociação entre patrão e empregado); no parlamentar, idem (não à toa o convite a uma personagem do setor industrial para compor a vice-presidência, como o corpo ministerial etc.); na esfera econômica, a palavra de ordem era parceria (se bem que, no geral, as Parcerias Público-Privadas restaram custeadas pelo governo ou, mais precisamente, pelo Fundo de Amparo do Trabalhador-FAT).

<sup>7</sup> Irritado, de tão surpreso (?), com a ofensiva golpista, caluniado por todos os lados, Lula bradou, em março de 2016, terem despertado a “jararaca” e que dali em diante se enfiaria em viagens pelo país inteiro para movimentar as massas... Ora, enfim lembrara a real serventia do povo. O problema é que pode ser tarde. (Retrabalhando a expressão: se não estiver morta, Inês está em coma, na UTL.) Atualmente, a burguesia fisiologista e antinacionalista faz com Lula o que ele fez com as massas.

O ponto focal é que as relações e as forças em embate são outras. Não querem e não podem ser dirimidas. No máximo, postergadas e, com isso, perigosamente volumadas.

Até certo modo, impetrou o governo central alianças pacíficas e concordes a seus objetivos. Houve cooptação dos movimentos sociais, os quais pretendiam uma “revolução” pacífica, sem tiros (como ocorreram nalguns raros episódios mundiais).<sup>8</sup> Ora, pretensão idealista esta: a burguesia brasileira adora o tiroteio, e a verdadeira guerra civil travada nas periferias e além o comprova, porque é filha da soberba e da negativa de aceitação da brasilidade. (Rico, aqui, gosta de queimar e atropelar índio, pobre etc., como parte dum ritual de passagem nazifascista, simplesmente porque *podem*.)

Os movimentos socioespaciais hibernaram para, em tese, não fazerem o papel da “direita”, desgastando a imagem do presidente e do governo, o que conferiria suposta energia ao “inimigo”. (Ao invés de ficarem a reboque, por que não se moveram para inspirar e guiar o governo, tomando a frente em questões político-territoriais cruciais à nação? Justificava a inércia algum real perigo de golpe militar no primeiro governo de esquerda, a ponto de a desaceleração estratégica dos movimentos sociais anunciar-se como a única via válida à travessia?)

O fato é que o inimigo se aproximou, sentou-se à mesa, fingiu-se amigo para confidenciar pseudosegredos (eis os casos de Calheiros, Collor, Maluf, Sarney etc., os quais sustentaram o governo para autossuster-se<sup>9</sup>), estudar os hábitos, espionar comportamentos e desejos e atacar na jugular, aliados às forças estrangeiras que disfarçavam direcionar os olhares a bandas distanciadas do mundo.

---

<sup>8</sup> Lembro-me de ter interpelado colegas acadêmicos sobre a magnetização e a anulação governista dos movimentos sociais, principalmente o MST, e de ter ouvido que, apesar de estranha a situação, era cedo para julgamentos. É comum a assertiva, revigorando um tipo de “intelectualismo orgânico” coerente geralmente mais no discurso do que no desenrolar propositivo, combatido e real. Noutras palavras, sempre tende a prevalecer a sugestão de que não devemos fazer o papel da direita, atacando internamente aos “nossos” etc. A academia, aliás, está abarrotada de frases que, na pretensão de cheias de boa intenção, se mostram comumente vazias. Também me recorde de ter lido na graduação algo de Milton Santos, onde era defendida a autonomia do pensador e de meditar, a partir disso, sobre a questão do “intelectual orgânico”, do comprometimento etc. Na verdade, o chamamento miltoniano fitava a liberdade de pensar, a qual o (alter)socialismo soviético (pós-capitalismo, depois), por exemplo, stalinizando-se, pôs-se a perseguir. Ou seja, se um movimento não consegue se sustentar racional e ideologicamente perante os questionamentos, algo de muito sério ocorre e já são poucas ou nulas as razões para confiarmos que novidades importantes irrompam, fortalecida a tal “esquerda”. O silêncio e a pactuação, o apoio cego e incondicional, podem danificar mais que a temperança e o honesto direito à discordância. (Embora discrepemos, entendemos a justificação do crescimento da corrente propositiva de movimentos sociais organizados horizontalmente, como meio de fugir da verticalidade do poder viciado, pela burocracia, pela extensa rede de influências e “favores” e pela enganosa autossuficiência da antiguidade dos partícipes, por ser tênue o equilíbrio entre centralismo político e democracia radical.)

<sup>9</sup> Certamente que não devem existir purismos ou romantismo para quem precisa governar, mas daí a andar abraçado aos piores escravocratas e desgraçadas do país é, sob qualquer hipótese, insustentável.

A capacidade reacionária brasileira é mais violenta que a de outras nações. Trata-se, no imaginário elitista feito – e muito – popular, de um país-senzala, um país-pária, com profundo complexo de vira-lata, inexpressivo e historicamente inerte – a ponto de ser chamado de “anão diplomático” por um político israelense, em tempos recentes (G1, 24/7/2014, 1/9/2014), representante de uma nação genocida que, sob a batuta de Tio Sam, lega desgraças e mortes a palestinos, mediante um colonialismo territorial aparentemente *démodé* (WEIL, 2007).

Não havia, por fim, espaço extra para avançar a dita pactuação interclassista. O ódio de classe venciu o imaturo respeito: a valorização da empregada doméstica foi entendida como desvalorização do patrão; a viagem de avião ou a subida pelo elevador social do trabalhador afrontava a imagem da média e grande burguesia, que não quer ser imitada na construção da moradia e nem comparada na terminologia.<sup>10</sup> É assim a atitude protonazista da ultradireita escravista nacional (que superexplora pelo baixo salário ou pelo salário-algum<sup>11</sup>), aguçada na administração petista.

Pior do que o cantor, quiçá, a “esquerda”<sup>12</sup> ficou “sem lenço, sem documento”.

E mais... Por culpa de si mesma, de vez que jogou na lata do lixo, pelo menos temporariamente, a imagem de respeito que vinha sendo torneada no imaginário social coletivo, durante longas e tenebrosas décadas de lutas e resistências.

Quem sabe a direita não esteja tão errada assim, sob inúmeros aspectos, ao acusar a determinada nata desse segmento de “esquerda caviar”.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> Como fizemos notar, enquanto noutras nações determinados estratos da burguesia não se incomodam com a fachada arquitetônica ou o nome do conjunto habitacional, no Brasil, a dissociação entre elite e povo é rigorosa, de modo a que os projetos residenciais da alta e média burguesia devam, em tudo, se diferenciar dos das “comunidades”, sinonimizados a pobre e favela (SANTOS; RIBEIRO, 2013, p. 78).

<sup>11</sup> Em muitos casos, no Brasil, a única coisa aplicável do salariedade é justamente a ideologia, acionada para atrair a trabalhadores para, depois, ser implantada a escravidão direta e dessalariada, como que tomando algo daquela imaterialidade do salariado, reflexionada por Malaguti (RIBEIRO, 2001). Já a dimensão protonazista das elites coaduna com a associação da hiperexploração à cor da pele, soldando os (pré)conceitos econômico e “racial” (donde surtem o desdém, a falta de oportunidades etc., por negros e índios, para exemplificar).

<sup>12</sup> Inda assim é predominantemente considerado o PT: um partido de esquerda. (Também o seria o Partido Democrata estadunidense?) Qual fundamental identidade atravessa a esquerda, inclusive para compreendermos a polissemia inerente às correntes? Ali, esquerda casa com humanismo. Acolá, com antineoliberalismo. Em alhures, com ultranacionalismo... Suficientes os caracteres?

<sup>13</sup> Na graduação, já debatíamos sobre o tema da transição: a importância e os limites do corredor parlamentar, do socialismo instalado “por cima” etc. Não nos agradava, particularmente – pensando em médio e longo prazos – a ideia aliancista (ajuntar para *depois* ver o que dá para fazer), bipolar (ou está *conosco* ou contra, favorecendo ao inimigo), que descobrimos ser, quando genericamente aplicada, a base tática stalinista, de se aproveitar do medo e da propaganda de que não existem saídas senão pela adesão automática, integral, cordata, silenciosa e oportuna(ísta) (RIBEIRO, 2016). Além da tática equivocada da conquista do poder (exclusivamente parlamentar, distada ideologicamente do povo, fincada no *marketing* fetichista e economicista, no politicismo corruptivo e deturpador, no idealista e quase faustiano pacto classista, como na crença

É preciso querer e saber roer ossos, molhar-se à chuva. O gradualismo e o oficialismo, do tipo que o Chile tentou experienciar (RIBEIRO, 1997), dificilmente serviria de arquétipo pronto à nossa sociedade. (Nem ao país andino calhou.)

Por isso, entre os grandes erros do PT está o distanciamento ideopolítico do povo e a virada de costas para as demais correntes de esquerda. (As quais, agora, equivocadas ou não, se negam a lutar ladeadas aos que entendem talhadores dum governo de direita, golpeado, entretanto, pelos oportunistas congêneres.)

Enfim, ao que tudo indica, passaram-se os treze anos “cabalísticos” do governo do PT (repetindo ironicamente na cena, como a direita se diverte em fazer, o número da legenda partidária).

Havia sinais por todos os lados de para onde apontava a estrela.<sup>14</sup>

Como não foi refundado – partes, que fossem – o alicerce social,<sup>15</sup> como a classe trabalhadora não foi convidada a participar ativamente do projeto nacional, a “casa caiu”.<sup>16</sup>

Agilizou a queda...

## **O AVANÇO DA ULTRADIREITA (O DESTOAR DA CASA GRANDE À ORQUESTRAÇÃO TUPINIQUIM): COMENDO PELA BEIRADA DA REPRESENTATIVIDADE SOCIOPOLÍTICA**

A burguesia brasileira fingiu, inicialmente – não sem queixumes e tentativas de incômodos jurídicos – ser seduzida pela política socialdemocrata da “esquerda inteligente” tupiniquim, capitaneada pelo lulopetismo,<sup>17</sup> compadecendo-se, nalguns momentos, com

---

proverbal e abstratizada de que o “inimigo do meu inimigo é – *sempre* – meu amigo” ou que “os fins – *sempre* – justificam os meios”), não se discutia o que viria depois (culto stalinista ao Estado? Criação duma nova camada de burocratas gestores, que jamais se moverá no sentido da transferência do poder ao povo, transgredindo os mundos privados da produção e da administração?). Havia lacunas em nós sobre os limites do stalinismo, como de determinadas premissas do gramscianismo etc.

<sup>14</sup> A estrela é reconhecidamente um dos símbolos do PT.

<sup>15</sup> Conferir a Carta de Lula ao Povo Brasileiro, na qual eram defendidas “reformas estruturais”: tributária, previdenciária, fiscal, agrária, habitacional, trabalhista etc. (FOLHA DE S. PAULO, 24/6/2002).

<sup>16</sup> Provisoriamente que seja, repetimos. Apesar de desgastado e de perder inegável “capital político” (como gostam alguns de considerar), não está evidente o tamanho do estrago. Servirão de termômetro a velocidade do avanço das políticas de direita e, no limite, o resultado das eleições vindouras.

<sup>17</sup> Não se sabe quem é mais importante no binômio... Na verdade, todos o sabem: a ordem compositiva da expressão atine ao poder decisório. Quem manda é o homem feito fetiche, tal o carisma. Como homem, está sozinho (no máximo, com partidários que deixam, gradualmente, decepcionando-se, as fileiras), pois sem participação ativa do povo não há ruptura, nem desvio de rota significativo na política econômica nacional. Pode-se fazer jogos de cena, como o do “orçamento participativo”, fingindo dividir com o povo o resto das moedas caídas das carteiras da sobre-especulação e da roubalheira sistêmica e endêmica ao metabolismo socioespacial, mas, de substancioso, nada que fosse penoso de desfazer, qual castelo de areia, como hoje

certos avanços na política social, desde que não fosse tocado o epicentro estrutural da (de)formação socioespacial brasileira (concentração de terras, águas, informações,<sup>18</sup> riquezas etc.).

Encaminhando-se a essa política desvirtuada, porque eivada pelo distanciamento entre cúpula e base e pela miragem de uma “revolução jurídica” ou “por cima”, já havia tempo criticada pelas colunas intelectuais do marxismo (ENGELS; KAUTSKY, 1991),<sup>19</sup> a cooptação entranha-se nesse partido de “esquerda”, que boicota e mesmo poda a representatividade e a formação de lideranças com outros vieses direcionais. (Tratando, na prática, os filiados menos como partícipes ativos e decisoriais do que como anéis duma stalinística correia de transmissão.)

Eis porque, uma vez eleitos, a calma na governabilidade se sustentou aparentemente mais pela continuidade na extração do excedente pelas maiores corporações do período (bancos, à frente) do que pelos “gastos” públicos (políticas sociais de inclusão, serviço e assistência social).<sup>20</sup>

Contudo, nunca satisfeita e sempre faminta, a direita prosseguia sorrateira a caçada: figuras importantes seriam encarceradas (Josés etc.).

Menos do que por motivação pessoal, não compreendera parte da direita radical que a “centro-esquerda” implantava o que poderíamos nomear de “pedagogia dos menos opressores”, atraindo ao redor de si setores burgueses ligeiramente progressistas e nacionalistas, com vistas a redundar, desse acordo por cima, micropolíticas sociais para os

---

ocorre, de vez que a atenção fica focada na decepção com os ícones (ex-sindicalista, ex-guerrilheira etc.), o que acarretará a provável diminuição dos ganhos sociais. Se tivessem agido, pouco que fosse, em pilares estruturais, não precisariam temer tanto os ataques da extrema direita, tendo em conta que a satisfação popular abalizaria o comando pátrio e várias das ameaças tergiversaria ao afrente. Consequências da negatividade da postura que achegou, para confundir, cautela e covardia. O oportunismo político (e econômico) fez o resto.

<sup>18</sup> O direito de operação das emissoras de TV, legal e abstratamente revogável apenas na fábula idealista da jurisprudência, possibilita à maior empresa de telecomunicações juntar-se à lumpemburguesia pátria e a seus senhores globais, contra os interesses nacionais, de modo ao país continuar “deitado eternamente em berço esplêndido” da inexpressividade político-econômica, dependente da venda de *commodities*, em um Pacto Colonial mantido há séculos, mudando, grosso modo, o colonizador.

<sup>19</sup> Com todos os problemas possíveis, mas a base social é importante e, às vezes, puxa até as forças armadas, o que explica as experiências razoavelmente bem-sucedidas dos socialismos ou pós-capitalismos de vários países, como os inicialmente desenvolvidos em Cuba e Venezuela.

<sup>20</sup> A direita neoliberal, antinacionalista e antipovo criminaliza abertamente o *populismo*, tendo-o como a tática oportunista, demagógica e irresponsável da quebra das regras do mercado para o pode-tudo distributivista e eleitoreiro que privilegia o povo e o trabalhador, silenciando-se quando a quebra das regras é processada pelo pode-tudo elitista e concentracionista; subestimando o estratagema “desenvolvimentista” (getuliano, kubitschekiano e goulartiano), aquilatado por Lula no discurso, não na prática econômica, conservadora desde o primeiro mandato. Melhor teria sido à população, um Lula mais “populista” do que “popular” e obediente à TINA (CARTA MAIOR, 7/5/2006, 12/1/2007; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2015, p. 14).

de baixo, as quais, num círculo pretensamente virtuoso, haveriam de robustecer as imagens do partido e do (seu) projeto de Estado, pelo aquecer do mercado? Entendemos que sim, e um dos deslizes foi menos o tentame de construção de um governo “popular” do que a tradicional discriminação e inferiorização do social (povo, trabalhador e nação, no atacado).

Doutro lado, diria a esquerda que, para “fingir” se relacionar, teria de participar da jogatina do poder, como o policial que, para prender traficantes, tem de passar-se por membro de gangues e usuário de entorpecentes? Até que ponto consegue, em sendo lícita e bem-intencionada a alternativa, manter-se ilesa ao complexo da corrupção, negando-se à mudança intrínseca dos caracteres ou, noutras palavras, quando se faz perceptível que os fins nem sempre justificam os meios e que os meios se converteram no fim-em-si? (O investimento do partido à formação de caixa dois não foi inversamente proporcional à formação ideopolítica do povo?)

A genealogia do poder comprova que a corrosão do PT precedeu a chegada ao tablado palaciano. Lula foi seu mentor. Exigiu o acatamento dos seus termos para disputar o governo.

Tudo traz conseqüências...

Nem sempre, no imediato.

De início, após eleita, a base governista era só apertos de mãos e sorrisos largos, sucedendo aos de cantos de lábios. (Presidência e vice-presidência combinavam a sustentação palaciana pela cessão de cadeiras no parlamento, mediante acordos fisiológicos... imaginados satisfatórios.)

E a encruzilhada por que passa o governo atual tem ligação com esse legado.

O anterior, de Lula, não era melhor em tudo. Teve o bônus de ser molhado pela marola internacional do crescimento e de, pelo caráter negociador de ex-sindicalista, ser mais sábio e afeito às conversações e bajulações brasilienses, além de vergado às determinâncias macroeconômicas básicas fixadas externamente, as quais, em tese, cobiçava afrouxar.

Por outro lado, em meio a isso, a vaidade do ex-presidente e ex-sindicalista era aguçada, sendo chamado de “o cara” pelo representante do (aparente) *soft* imperialismo (da ala democrata), ao passo que recebia novos diplomas (após receber o de presidente eleito, que o levou às lágrimas, foi agraciado com outras honrarias, como a de estadista global, em 2010, sendo costumeiramente convidado a comparecer a Davos para falar o que todo

mundo finge novidade: a precisão da distribuição de renda para gerar a “justiça social” que acalenta as massas e adormenta utopias libertárias).<sup>21</sup>

E a vaidade e a confiança não tinham limites à cegueira: a autorrepresentação imagética, de quem pensava ser e *re*-presentar, fez o ex-presidente “baixar a guarda” e se relacionar com as figuras mais sujas do pau do galinheiro politiquero nacional – desde um dos mais suspeitos gestores na seara do futebol ao maior escravocrata hodierno, proprietário, entre outras, da extinta DEBRASA.<sup>22</sup>

Depois de, sossegado, acreditar reformar, progressiva e linearmente, o Brasil, pôs-se o ex-presidente a reformar espaços íntimos (pessoais ou de terceiros), após aprovar o preparo de festas e banquetes para a burguesia global (Copa e Olimpíada), pintando a varanda enquanto a “casa” jazia trincada no estrutural. (A abertura vexatória da festa futebolística e a celebração da gambiarra olímpica sintetizam os desvios de conduta e de recursos.)

O fato – e a burguesia raivosa tem algum sentido nisso – é que o pequeno *boom* de crescimento econômico experienciado no primeiro governo petista esteve acoplado ao momentâneo desafogo da economia global e não à necessária investidura na robustez da economia doméstica, a qual teve de contentar-se com algumas poucas dezenas de bilhões de dólares injetadas em seletos e restritivos planos sociais.

A burguesia brasileira, grosso modo, biltre e entreguista, prostituta das cafetinas nações globais, caçou a ala nacionalista (prendendo, supostamente, corruptos como eles, com a diferença de terem se relacionado carnalmente com os “centristas” ou a direita humanista petista, como incide aos encarcerados pela Lava Jato,<sup>23</sup> empresários de envergadura transcontinental).

---

<sup>21</sup> Escritos do sábio Sartre, desde o primeiro ano da graduação, nos ensinava não se permitir seduzido pela burguesia, negando-se a receber um prêmio de literatura. A maioria dos intelectuais, inclusive os ditos de esquerda, se rende a esses cerimoniais, sentindo-se bem na roda dos amigos burgueses. Precisam do “outro” (carrasco, dominador, corrupto, explorador...) para saber quem são, para medir seus valores. Desfloridos Narcisos... Desafortunados Midases...

<sup>22</sup> Sobre a Usina e Destilaria Brasilândia S/A: RIBEIRO, 2001.

<sup>23</sup> Existem denúncias, da Wikileaks até, de a esposa do juiz Sérgio Moro, de nome Rosângela, ter ligação com grandes empresas petrolíferas norte-americanas, advogando em seu nome e no de partidos políticos oposicionistas (como a líderes do PSDB paranaense), frentes que se configuram como elos de corrosão das políticas estatizantes que amealhavam reconfigurar a posição do Brasil no mundo (CARTA MAIOR, 18/6/2015). Não tão diferente da época da colonização direta e indisfarçada, hoje o neocolonialismo impede a autonomia na comercialização da *commodity*, se for ela sobrevalorada (como o petróleo, nióbio etc.). Que ninguém investigue a família Moro, encontrará em vários, de tudo um pouco. Não surpreende o prêmio recebido no império estadunidense, nem a inclusão na lista das cem personalidades mundiais, pelos serviços prestados (O DIA, 27/4/2016).

## COMENDO PELA BEIRADA ESPACIAL

Não deveria ter passado despercebido que inúmeros golpes em nações latinas e mesmo doutros continentes seguiam a passos largos (FARINELLI, s/d.; VOZ DA RÚSSIA, 1/2/2015), abeirando-se e penetrando o coração das nossas ciberfronteiras (CARTA MAIOR, 30/1/2011).

Só nas últimas duas décadas podemos listar tentames ou concretizações de golpe, para não nos estendermos, na: Venezuela, Haiti, Bolívia, Honduras, Equador e Paraguai... Chegou ao cangote do Brasil o bafo da água.

Noutros continentes, progrediu no Oriente Médio (com as ditas “primaveras”) e na Ásia (tentativa em Hong Kong, contra a nação do vermelho dragão, com a “revolução dos guarda-chuvas”) e, até, nos limites da Rússia, na Ucrânia (depondo o presidente eleito pró-Rússia Yanukovich), como parte do plano dos EUA (CIA, NSA e Pentágono) de enfraquecer o ex-bloco soviético, sob tradicional influência russa, puxando tais nações limítrofes ao arco da aligem comercial (União Europeia-UE) e militar ocidental (Organização do Tratado do Atlântico Norte-OTAN), sob batuta estadunidense.

São hábeis os enxadristas. E muitos são. Por isso, multiplica o Argos imperial os olhos e as parceiras espãs (FOLHA DE S. PAULO, 11/10/2000, 9/7/2014).

A análise interna e internacional do período destacado não deixa dúvidas quanto à imanência da manobra imperialista, atualmente expressa no nominalismo impeachmentista.<sup>24</sup>

A águia tomou, num golpe, novamente, o Brasil de assalto, de imediato para espantar, em nível geopolítico hemisférico, dragões e ursos<sup>25</sup> para, loucamente, no plano doméstico, replicar o *American way of life*.

---

<sup>24</sup> No momento em que redigimos o documento, a presidenta se encontra afastada, por prazo de 180 dias, até que seja retomado o processo decisional. Os números são contraditórios quanto aos votos extras necessários pela presidenta, além dos reunidos, para cessar o impedimento. Internamente, a mídia hegemônica e os *blogs* de chacais fascistas e entreguistas patrocinados pelos fariseus imperiais, ardorosos combatentes do que talham de militantes do “pão com mortadela” – e que não passam de soldados do “pão com minhoca” (segundo alusão ao subproduto mcdonaldiano) – buscam engrossar o desgaste da imagem da presidenta; externamente, porém, não são poucas as forças oponentes ao golpe, de intelectuais (individualmente ou coletivamente organizados, a exemplo da Associação de Estudos Latino-Americanos-LASA) a políticos sul-americanos e europeus (eurodeputados que exigem, ao menos, outra eleição, negando-se a negociar a aproximação da União das Nações Sul-Americanas-UNASUL com a UE, tendo Temer por representante); também ocorrem manifestações em eventos culturais (como em Cannes) e em praças estrangeiras, promovidos por cidadãos brasileiros que vivem e trabalham no exterior. A depender dos EUA e seus capachos, o golpe seguirá avante (a Alemanha foi das primeiras a conceder a diabólica bênção). Há muito em disputa no jogo econômico, algo, para eles, mais compensador do que a deterioração do fetiche jurídico-democrático a ser experimentado pelo país.

No âmbito relacional, a perpetração das benesses centristas carece da evasão dos excedentes periféricos.

Donde marchar...

### **COMENDO AS (POUCAS E PARCAS) POLÍTICAS HUMANÍSTICO-NACIONALISTAS (O COMEÇO DO FIM OU O FIM DO COMEÇO)**

Principia o fim do sonho. (Cochilo? Sono R.E.M?)

Alguns elementos vinham sendo tracejados para a projeção do país a um degrau protagônico mundial; senão, minimamente, a um tabuleiro mais ativo do que o historicamente vivenciado, achegando-se à miragem de “país do futuro”.

Além de requisição de cadeira permanente na Organização das Nações Unidas-ONU, auxiliada pelo envio de tropas em “missões de paz” (Haiti etc.), havia investimentos em políticas tático-estratégicas civis e, principalmente, militares. (Afinal, coincidentemente, as nações que se sentam àquela mesa têm peso militar superior ou equiparável ao econômico, na ordem mundial.)

No plano militar, houve envio de militares brasileiros a nações até então vistas como hostis (como Cuba, por exemplo), como forma de conter a expansão do fogo do fetiche do perigo vermelho, difundindo a ideia de que não existem de antemão nações amigas, mas, normalmente, interesses, e que vários aliados ocidentais representariam mais perigo que os tradicionais “inimigos” do “eixo do mal”. Tal era um dos motivos do avanço político-educativo, se pudermos assim rotular (e a política de contratação de médicos cubanos talvez tenha um pouco disso..).

Noutro vértice, experimentaram-se novas associações para a compra de material bélico e tecnologias de ponta.

Lançado o projeto (FX) do novo caça da Força Aérea, e passado o inicial instante, em que o ex-presidente Lula tentou entrançar por cima um acordo com a França para o fornecimento do mesmo (adiantando as conversações sobre o Rafale, da empresa Dassault), foi, ao fim da licitação internacional, escolhido o caça Gripen da Suécia (um país historicamente “neutro” ao raio de influência norte-americano, europeu e/ou americanófilo). A decisão sobre o programa (agora, apelidado de FX-2), durante o governo

---

<sup>25</sup> O dragão aqui representa a China – embora outras nações asiáticas utilizem esse símbolo – e o urso, emblema a Rússia. A águia acreditamos não carecer de apresentação.

---

da presidenta Dilma, incomodou obviamente a Águia Imperial e suas corporações militares (caso da Boeing, que oferecia o F-18 Super Hornet).<sup>26</sup>

Ainda no âmbito da Força Aérea, também é capital a aquisição de um pacote de cinquenta helicópteros franceses (Super Cougar EC-725), a serem construídos conjuntamente e com a prerrogativa da transferência da tecnologia, que permitiria no futuro a laboração de uma nave com a cara e o corpo nacional (BBC BRASIL, 24/12/2014).<sup>27</sup>

No plano estratégico e organizacional, o país lança o *Livro branco de defesa nacional* (BRASIL, 2012) e se reúne constantemente com as nações vizinhas para lhes comprovar a continuidade da postura pacifista regional e para seguir consolidando o esculpimento de um projeto coletivo, sul-americano, de comércio (MERCOSUL) e defesa a ameaças e agressores externos – com a extensão das diretrizes da UNASUL). Observemos também que, além de patrocinar e ensinar golpes na América Latina, o Império do Norte forçava parcerias estratégicas, sobretudo na beirada amazônica colombiana e na paraguaia Bacia Platina; além de passear por nossas águas jurisdicionais sem aviso prévio ou permissão, multiplicando a arrogância no não-reconhecimento de nosso direito internacional, votado e aprovado pela Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar-CNUDM (FOLHA DE S. PAULO, 30/10/2015).

---

<sup>26</sup> Na ocasião, as denúncias de espionagens na Petrobras e no alto escalão governamental reforçaram a ideia de manutenção de algum resguardo por parte dos brasileiros, quanto aos materiais procedentes dos EUA. Os americanófilos sugerem inclusive que a espionagem ianque foi determinante à derrota da companhia norte-americana na concorrência. Além disso, existem outras demandas estratégicas fundamentais: primeiro, o país exigia acesso inequívoco à transferência de tecnologia (o que os norte-americanos jamais, não importa o quanto mentissem, permitiriam) e, sobretudo, acesso irrestrito ao código-fonte de armamentos (uma vez que o não repasse por parte da nação contratada impede o país de crescer à aeronave qualquer míssil de seu interesse ou fabricação, chegando ao ponto de anular a realização de disparos; isto é, em qualquer conflito, a possibilidade de defesa nem existiria, a depender dos *players* em disputa). (Neste fim de maio de 2016, vemos que a direita planta informações de que houve tráfico de influência e propina na escolha do caça sueco, na gestão Lula, nesse que indubitavelmente foi, de todos os projetos apresentados, o mais barato para o país adquirir, manter e operar, com o qualificativo da transferência de tecnologia... Ao que parece, a águia não quer países com dentes na América do Sul.) Após os submarinos, segue a tentativa da operação-desmonte, agora com as aeronaves (G1, 9/4/2015; BBC BRASIL, 19/10/2015). O Império do Tio Sam, a bem da verdade, até consente a aquisição de armamentos modernos, desde que sejam ou deles comprados ou de alguma nação amiga, que não haja incorporação tecnológica e que o país permaneça subserviente, afastado dos seus inimigos, sem grandes aspirações geopolíticas no mundo etc.

<sup>27</sup> A característica continental do país exige um conjunto de adaptações para as aeronaves: o helicóptero ganhou sonda de reabastecimento aéreo e o caça de nova geração (Gripen NG) é fabricado com tanques de combustíveis maiores, por exemplo. Com certeza também não agradaram aos norte-americanos a compra, pelo governo de Lula, de 12 helicópteros (Mi35-M) de ataque e transporte de tropas da Rússia e tão pouco as tratativas para a adoção do sistema Glonass, para contrabalançar a dependência ao GPS ianque (FOLHA DE S. PAULO, 27/11/2008). Ajuntemos a isso, a carta de intenções, reafirmada em 2016, de aquisição de um novo lote de helicópteros e de sistemas de defesa antiaérea de baixa e média altura (Pantsir-S1), com transferência de tecnologia (FUNDEP, s/d.), criação de *joint ventures* e montagem de equipamentos russos em território brasileiro.

Outros projetos estratégicos seguiam adiante, a despeito das restrições orçamentárias e da costumeira lentidão auto-organizacional do país, inúmeras vezes chamado pelos vizinhos da região como um irmão grande, forte e bobo... (Imagem bem representativa, aliás.)

Nas águas, na segunda gestão de Lula, com o lançamento do Prosub (Programa de Desenvolvimento de Submarinos), o país fez acordo com a França para o fornecimento de quatro submarinos convencionais (diesel-elétricos) e um com propulsão nuclear, para os quais seriam construídos um estaleiro e base naval em Itaguaí-RJ (PORTAL BRASIL, 12/12/2014). (Dizem, quiçá com algum exagero, que o Brasil comprou a tecnologia do fazimento do casco e que a tecnologia energética e motora seria desenvolvida internamente.<sup>28</sup>)

Também existem outros, tanto pela concepção de futuro quanto pelo enferrujamento de nossos equipamentos, como a encomenda de cerca de duas mil viaturas Guarani pelo Exército; a criação e comercialização do cargueiro KC-390 (que servirá ao transporte de tropas, equipamentos, abastecimento de aeronaves em voo, combate a

---

<sup>28</sup> Não se sabe ao certo, neste preciso instante – estamos no último dia de maio de 2016 –, se a construção seguirá adiante: seja pelo continuado déficit orçamentário, seja por qualquer eventual contraposição estadunidense à transferência de tecnologia, requisito vital a esse armamento. O fato é que os submarinos foram ideados para proteger o Pré-sal, principalmente o nuclear, cujo combustível multiplica exponencialmente a capacidade da nave em permanecer submersa e, apesar do maior ruído aos radares, abater aos invasores. Ironicamente, os entreguistas teleguiados ordenaram a prisão preventiva do Almirante Othon Luiz P. da Silva, responsável pelo desenvolvimento de enriquecimento de urânio a partir de ultracentrífugas laboradas com exclusiva engenhosidade nacional, aparelhos lentos, porém mais baratos e equivalentes aos das nações metropolitanas (CARTA MAIOR, 28/7/2015), personagem o qual foi julgado previamente por ser “suspeito de receber” R\$ 4,5 mi. à frente da Eletronuclear, uma empresa com coincidente e majoritário capital nacional; ou, pelos menos, nas entrelinhas, como aspiravam, de haver, apesar de “lícitos”, certo “conflito de interesses” na operação (G1, 28/7/2015). Antes da Lava Jato, o programa da construção de submarinos fora matreiramente atacado pelo denunciamento (FOLHA DE S. PAULO, 29/7/2015). Inepto, foi temporariamente arquivado... O fato é que quando querem os helmintos, tudo, menos eles, é ou está podre. Quando querem os entozoários, projetos militares têm de ser transparentes, quando o atalho e a melhor arma militar é o sigilo... Sobre a tecnologia da centrifugação do urânio, em específico, sabe-se que, num passado recente, sob a desculpa da monitoração, quis se apossar a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), extensão ocidental do império setentrional. Não estamos discutindo nem se o oficial é ou não culpado, apenas que o país, em termos estratégicos, deve ser sempre colocado acima das problemáticas individuais e dos desvios de conduta. (Os países ricos, EUA na vitrine, não enfrentaram nenhum dilema ético em contratar nazistas para acelerar as pesquisas militares e do morticínio. Não podem, pois, posar de moralistas.) É motivo de orgulho, ademais, a manobra da marinha brasileira num evento internacional, quando um submarino tupiniquim (diesel-elétrico) abateu (eletronicamente) um porta-aviões espanhol. Não desejam a fusão de *expertise*, *high-technology* e *know-how* abaixo do Rio Grande-EUA/Río Bravo del Norte-MEX). Trocando em miúdos, vivemos a política escancarada, fraseada pelo militar norte-americano, de que para os “filhos da puta” deles tudo, para os outros, nada (RIBEIRO, 2009, p. 211). Os gatunos almejam confundir “rombo”, “desajuste fiscal”, “crime de responsabilidade”, “desvio”, “ilicitude” etc., atrapalhando a independência brasileira na escolha do futuro. Mesmo que os EUA substituam o petróleo convencional pelo xisto, convém a manutenção da dependência brasileira e a captura dos recursos naturais, sobretudo o petrolífero, cujas reservas, anteriormente calculadas em 55 bilhões (ROSA, *O Globo*, 16/9/2012), ultrapassam os 175 bi de barris (G1, 10/8/2015). Para o Império de Sam, é muito futuro para um país só.

incêndios etc., com avanços e caracteres que o particularizará no cenário bélico global); lançamento de um satélite geoestacionário produzido em consórcio com os franceses,<sup>29</sup> desenvolvimento de radares e mísseis internamente e/ou em parceria (REVISTA EXAME, 14/12/2012) e, entre outros, construção de um cabo submarino ligando Brasil e Europa.<sup>30</sup>

Aspirações que impacientaram a rapinante.

A águia, por isso, se reuniu aos roedores entreguistas nacionais, até então no submundo do esgoto da politicagem, e planejou o contra-ataque, de modo que a senzala não se fundasse “casa média” e “casa própria”, nos cenários regional e mundial.

Os argumentos são frágeis: “pedaladas” e “crimes fiscais” (maquiamento de orçamento e crédito suplementar para despesas extras<sup>31</sup>).

---

<sup>29</sup> Contratado em 2013, o Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações Estratégicas (SGDC-1), a ser lançado à órbita em 2016, além de cobrir o território nacional e prover regiões distantes com sinal de internet – visto que dois mil municípios não são atendidos pela rede de fibra ótica –, funcionará com duas bandas (Ka e X, para usos civil, governamental e militar), uma delas com o intuito de dificultar a espionagem de informações e projetos militares, para diminuir o gargalo da terceirização e da dependência à tecnologia estrangeira, controlada por governos e empresas privadas. Também, nesse caso, está prevista a transferência de tecnologia à tão sabotada e combatida Agência Espacial Brasileira-AEB. (Obviamente que o retorno da ultradireita ao poder, pelo impedimento da presidenta eleita de governar ou pela conquista do próximo pleito, com o desgaste imagético da legenda petista e das esquerdas todas, por associação mecânica, poria muito a perder: os códigos de acesso ao ciberespaço nacional, por exemplo, seriam provavelmente repassados ao império.)

<sup>30</sup> O cabo existente (Atlantis II) e que une o Brasil à Europa é sobremodo utilizado para telefonia, levando os sinais de internet a terem de passar pelos EUA, com o qual possuímos ligação de internet por quatro cabos. (Justo com o país culpabilizado pelos ciberataques à nossa soberania.) O novo cabo terá quase 6 mil km, estendendo-se de Fortaleza a Lisboa, e a conclusão está estipulada para o final de 2017 ou princípio de 2018. Além desse, lançado em 2014, o Brasil projeta estender a infraestrutura de fibra ótica para 12 países da América do Sul e ao continente africano, ampliando a rede para os 10 mil km (G1, 30/6/2015; CARTA CAPITAL, 22/1/2014; TELEBRAS, 15/1/2014).

<sup>31</sup> A estupidez não tem limites. O professor universitário, um dos primeiros da turma na sala da direita global e, mais do que teórico, hoje o principal *pragmático da dependência*, fez o mesmo em seus “reinados”, incrementando ficticiamente o orçamento, recheado pelas moedas conseguidas pelo esmolar do chapéu da subserviência, estendido ao FMI e aos barões da especulação transnacional. Não houve novidade e nem crime até aí. A ultradireita tão só nega o direito à esquerda *soft*, que sempre se arvorou detentora da ética, de se valer de igual artifício. Ora, no vale tudo da economia coeva, os países europeus já incluem receitas provenientes do crime e da ilegalidade no orçamento pátrio (RIBEIRO, 2015). Notemos que a Federação das Indústrias de São Paulo-FIESP, patrocinadora do golpe, possui vários diretores sonegadores de impostos e que a dívida somada dos mais ricos empresários brasileiros supera em cinco vezes o vilipendiado rombo orçamentário, transpassando os R\$ 800 bi (ESTADÃO, 18/7/2016). Um dos símbolos civis do denunciamento nacional foi a Sra. Janaina Pascoal, uma advogada cuja indignação é estimada em R\$ 45 mil, pagos pelo PSDB, em conluio com siglas oposicionistas (tendo merecido a alcunha de golpista pelos estudantes da instituição onde leciona) (G1, 28/4/2016). Resumo da ópera: a “centro-esquerda” quis ser mais malandra que o malandro, driblar leis e legisladores, pretendendo corromper aos corruptos, querendo comprar a quem sempre esteve vendido, abraçar a quem sempre foi rabisco de estrangeirice, almejando legislar como os anteriores déspotas e amigar-se de torturadores... A diferença é que os legisladores pretéritos não somente burlavam as leis, como as rasgavam, mudavam, reinterpretavam a bel-prazer. Simples assim. A pseudoesquerda, seguindo no poder como a direita, acreditou que mudaria o quadro, mas não, em tudo, a técnica da pintura e o resultado do pintor.

A política da espionagem interna, terceirizada pela CIA aos cuidados dos entreguistas, que vem de FHC e sua trupe (como o ex-presidente do Banco Central, que rotineiramente agia em conluio com o sócio e especulador-mor, George Soros, à guisa de ilustração), tanto desagradou a atual presidenta, que ela preferiu cancelar viagens ao ninho da águia, como a incomodá-la nas cerimônias da ONU, divulgando os casos e apontando o dedo em riste a quem gosta de autoproclamar-se policial e juíza do cosmo.

A atitude foi importante, mas veio tarde, desarticulada (a WikiLeaks informava espionagem há tempos) e, por isso, não só prosseguiu, como apressou o contra-ataque do império (a ponto de o golpe de Estado atual ser gerido pelo seu vice, o Sr. Temer, informante pró-imperialismo<sup>32</sup>).

Imitando o Olimpo, para os deuses das Montanhas Rochosas não há frincha para bravata, no cenário global. Como um jogo de xadrez, a política estratégica deve substituir retaliações emocionais (como a que o ex-presidente Lula gerou, submetendo os cidadãos norte-americanos a idêntico procedimento de revista, nos aeroportos).

Na seara militar pátria, serenidade (a maioria dos militares não deseja intervir, quer pela mínima consciência moral dos abusos cometidos no passado recente, quer pelo atrelamento e passivismo histórico, nos cenários continental e global, quer por apenas desejarem desfrutar dos volumosos pedaços dos bolos pensionista e de aposentadoria<sup>33</sup>).

Sob a fábula moralista da operação Lava Jato, não foram presos apenas políticos de carreira, mas figuras importantes das forças armadas, responsáveis pelo desenvolvimento de tecnologias sensíveis, evidenciando que está em jogo o desmonte de políticas nevrálgicas nacionalistas.

As garras da águia prosseguem a estrangular as gargantas nacionais, nacionalistas e independentistas.

Mas haviam outros pretextos.

---

<sup>32</sup> Ao estilo nazifascista, mal tomou posse o escroque, foi empreendida uma profunda reformulação governamental, composta maiormente por homens brancos da direita radical. É sabido também que um jornalista da maior Rede de TV nacional, que apresenta o último telejornal da noite, também é informante do império. Os mestiços pensam que, agradando e bajulando, serão aceitos como iguais pela elite neonazista global. Modernos capitães do mato; no máximo, subchefes da senzala.

<sup>33</sup> Não são poucos os críticos à política econômica das Forças Armadas, cuja maior parte do orçamento, ao invés de direcionada ao reequipamento das tropas, ao desenvolvimento técnico e tecnológico aos patamares contemporâneos, destina-se ao pagamento de pensões e aposentadorias. E não se importunam os militares, por várias razões: por aceitarem a posição menor, de agirem internamente como policiais do império, dissipando perigos vermelhos, e por incorporarem o espírito vira-lata de que esta terra nunca será grande em nada. Se lembrassem das condições das Forças vinte anos antes, receariam o regresso (ultra)liberal.

Um deles, a expansão da China. O império ianque indica que continuará a aplicar a Doutrina Monroe, visando, ao máximo, a apequenar ou anular a presença político-econômica e militar de nações rivais – como a China, por exemplo, que no governo Kirchner negociou a instalação de uma base militar nos pampas, confirmando o trotar da II Guerra Fria na América do Sul (BBC BRASIL, 19/3/2016).

Eis que a ideia, neste interregno do substanciar do “golpe” jurídico-parlamentar, no país, é promover a privatização particularizada das bacias petrolíferas às companhias norte-americanas, diminuindo a participação das chinesas (as quais aumentaram sua presença, pelos investimentos que tiveram de ser feitos com a implantação da crise e a diminuição orquestrada no preço do barril pelos EUA,<sup>34</sup> que orquestraram *dumping* com vistas a enfraquecer as economias venezuelana, russa, brasileira etc. No Brasil, a tática surtiu efeito, tendo em conta que vários projetos de construção de embarcações de transporte e plataformas do setor petrolífero foram paralisados ou adiados.)

De roldão, arrasta-se para o buraco o projeto de consolidação da UNASUL, para, quem sabe, mais adiante, retornar com força o sonho/pesadelo da Área de Livre Comércio das Américas-ALCA.

### **AUMENTANDO O TOM DA BATIDA IMPERIAL... ABAFANDO A “ESQUEDA ALTERNATIVA”**

Os norte-americanos investem na tática da agora chamada Guerra de Quarta Geração: a de massa, midiática e psicológica, se possível e preferencialmente sem emprego de armas, e que tem se mostrado mais eficaz em dismantelar resistências, comparando-se às baseadas na pólvora.

É esse o tom da nova teoria da conspiração, concreta e em curso.

Podemos ousar, afirmando que a calmaria nacional esteve acoplada por tempos ao acreditado deslocamento da preocupação imperial com outras partes do mundo: seja com o (os recursos do) Oriente Médio, a China (que, em seu avanço marítimo-territorial,

---

<sup>34</sup> O réquiem do golpe, a despeito dos citados, pode ser notado tanto no rebaixamento do preço do barril do ouro negro e do investimento estadunidense na extração do óleo a partir do xisto – com todos os riscos de poluição dos lençóis freáticos –, quanto na opção da retirada da “família” oligopólica (ocasionalmente apelidadas de “sete” irmãs) dos leilões brasileiros, por não aceitarem competir em pé de igualdade, nem se submeterem ao sistema de cotas, à majoritariedade acionista brasileira etc. Cristalizado juridicamente o golpe e esfriada a momentânea raiva oposicionista, a privatização, no afã entreguista, deverá estender-se à Casa da Moeda, aos Correios e à Eletrobras. Lembrando que privatização, na agenda da direita entreguista, concerne à política subvencionada, para atender aos agentes imperiais pré-selecionados.

ameaça vizinhos e aliados estadunidenses), Coreia do Sul (que prossegue proliferando seu arsenal atômico e a investir na ampliação do alcance de seus mísseis balísticos) e Rússia (fornecedor de gás natural à Europa, o qual os EUA tentou driblar, alimentando grupos terroristas no Oriente Médio etc., para garantir o controle territorial e de “aliados” que, no futuro, consentiriam à construção de novos modais para a valiosa transportação da matéria-prima).

China e Rússia, um pelo poderio econômico e outro pelo *know-how* militar, conseguiram afugentar os voos da águia (embora os EUA continuem a desfilar seus porta-aviões nas proximidades da China – o que lhe intensifica o sentimento nacionalista, enxergando a atitude como desnecessário insulto, acelerando a roda dos investimentos militares que, dizem, em duas décadas poderão equiparar-se às da rapinante).

A Rússia assistiu, num primeiro instante, ao golpe na Ucrânia, em 2014, capitaneado pela CIA e, declaradamente, pelo megaespeculador húngaro-estadunidense G. Soros,<sup>35</sup> e que colocou no poder o representante-mor local do nazismo, o político pró-estadunidense, Sr. Poroshenko.

Outros aliados tresloucados foram abraçados pela águia: caso da Turquia, cujos líderes ultradireitosos não conseguem deixar de ver perigo no novo xadrez territorial; caso das forças rebeldes na Síria, compreendidas pela Turquia do nazista Erdogan, sonhador com o grande império de outrora, o qual não se incomoda em se indispor militarmente com os vizinhos (seja invadindo sistematicamente com seus caças o espaço aéreo grego, seja ao ponto de abater um caça russo que sobrevoava a borda da Síria, delatando-o como invasor territorial).

O turco, após as sucessivas intrigas com Putin, e depois de assistir ao blefe norte-americano em apoiá-lo, compreendendo a duras penas que a águia jamais se poria em guerra com o urso por pequenas falhas e séria falta de motivo, não obstante o colaboracionismo do bloco ocidental atlanticista que os obriga a apoio mútuo contra iminente ou eventual agressor, recuou nos ataques.

A águia intercala a política das armas com as arma da política: seja financiando grupos terroristas que combatem lideranças nacionais não-alinhadas e não-sujeitadas (e que depois serão enfrentadas como inimigas pela lucrativa indústria bélica, a que consegue fabricar mais inimigos que armas), seja pela arma da política (através da mídia caluniosa,

---

<sup>35</sup> Para atender a seus interesses e aos do império ianque, Soros agita o seu braço golpista pelo mundo: a Open Society.

que bombardeia mentes despreparadas com desinformações e deturpações vis,<sup>36</sup> pela dilatação do feixe comunicacional e informático, eufemismo à propagação da desinformação fetichizante).

### **POSLÚDIO... (EM ABERTO)**

Queríamos levantar algumas teses.

Uma delas é que houve – ou estavam em curso – vários “golpes”. (Antes no mundo, agora no Brasil, no sentido bonapartista, a tornar regimes burgueses pátrios menos democráticos.)

Primacial ou pósteros, mais ou menos abertos ou intensos, é vão duvidar, houve também o “passo” atrás da “esquerda”, o qual cobraria o seu preço, no devido tempo.

Pelo menos, senão o fatal, o réquiem de um era esperado logo após a primeira eleição petista, pela crença elitista tola de que se vivia um lampejo de esquerda socializante, quando não passou ele de um arremedo político keynesiano. (Quem sabe, unicamente, polarização entre o modelo ultraneoliberal precedente e o liberal ou pró-estatista seguinte.)

O golpe ferino, quiçá, foi desferido pela “esquerda”, que minou e destruiu o diálogo com outras correntes internas e “próximas” (combatendo, internamente, a pluralidade e as metas-alvo e, externamente, o diálogo com o diferente, os quais surgiram de seu próprio seio; afastamento que igualmente cobra seu preço).

É plausível afirmar que a “esquerda” (da Articulação) demonstrou menos paciência para dialogar com os antigos congêneres do que com a direita.

O núcleo duro intrapartidário se fechou internamente às opiniões e militâncias discordantes e ao próprio povo, como agente nuclear das mudanças; consentindo, no máximo, conversações com um punhado de intelectuais identificados com a esquerda e, cuidando, igualmente, de agradar às lideranças militares.

Interligado àquele, como efeito dominó e replicante, o fato de o povo nunca dever ser visto e tratado como detalhe, como massa de manobra eleitoreira (que se

---

<sup>36</sup> Para darmos uma dimensão da guerra ciberespacial, ouvimos há pouco tempo de uma cidadã brasileira, insatisfeita com a corrupção e a presidentia, que até o zika-vírus seria uma criação do governo para matar pobres. Ou seja, o rancor atizado pela direita a tudo explica de antemão, preenchendo as lacunas teóricas e informativas, com os sujeitos sociais passando a reproduzir a condição de desinformantes de si. Nos *sites* militares, o ranço e a ojeriza da direita ligam tais políticos ao Partido dos Trabalhadores e ao Comunismo, para, de baldão, acertar a ambos com a tacada certa do bilhar da destruição, incriminando-os pelas centenárias desgraças endógenas.

contentará com o circo dos festivais globais, os quais só legam dívidas e custosas “maracutaias”<sup>37</sup>) e sim como agente central.

Não houve, por fim, fusão consciente de táticas e estratégias.

Devido a isso, são dois os “golpes”:<sup>38</sup> o do partido de “esquerda” contra o povo e os seus tradicionais princípios, no instante em que se curvou a pragmatismos negadores das experiências históricas acumuladas mundialmente (conceituadas como traiçoeiras pela corrente trotskista<sup>39</sup>), e o seguinte, o processado na cúpula do trovão, entre os “descolados”, de cima (os aliados do PT: a burguesia que aceita distribuir pão e aquela que, afetada pela crise econômica e observadora da impopularidade governista, só admite agora, se muito, distribuir farelos).

---

<sup>37</sup> Aliás, o ex-presidente Lula não conseguiu fazer nada de substancial nem no futebol, já que esse símbolo de brasilidade, comandado como tudo o mais pela corrupção e a terceirização, não rompeu com o estado de bem público e popular controlado por empresas estrangeiras. Ou seja, nem o futebol responde ao governo e ao país e até a “matéria-prima” elementar do esporte mais amado é subvalorizada no comércio transnacional.

<sup>38</sup> A trajetória golpista é mais longa que o equilíbrio democrático burguês. Nasceu de um golpe a República. Os universais metafísicos do capital, propriamente o trabalhista-salarial e jurídico-eleitoral, de tão surrados, são corriqueiramente afrontados. O século XX foi golpeado de ponta a ponta pela fratura do jogo democrático nacional ou, então, pela ameaça iminente, forçando (auto)exterminios, renúncias e desapossamentos. Afora as tênues interrupções na governança, deliberadamente, pelo menos dois tipos de golpes são aceitos no Brasil: o autogolpe de 1937, que garantiu a continuidade de Vargas no poder, e o de 1964, excitado pelos militares. Por isso, colocamos a expressão entre aspas, porque a noção de golpe de Estado é extensa e variada e merece uma discussão demorada: condiz quer com a de 64 (erigida contra o dito inimigo interno socialista, em declarado posicionamento pró-capitalismo e pró-imperialismo, contra a corrupção, com suspensão do legislativo e da normalidade cotidiana das instâncias parlamentares, prisões, exílios, decretação de regime de exceção, suspensão dos direitos legais públicos de expressão e protesto etc.) à que se desenlaça atualmente (restrita ao universo parlamentar, como rompimento institucional repentino e sem participação das massas ou das forças militares, tramado por quem se sentiu prejudicado com a política dos elegidos, dentro e fora do país. (Seria essa a semelhança entre o que incorreu a Goulart, em março de 64, e o que abate a Dilma, em maio de 2016, insuflado notadamente pela aversão à corrupção, quando a esfera jurídica superpõe-se à executiva? E mais: houve golpe no desalojar de Collor?). Em utilizando, por vezes, a expressão golpe, buscamos referenciá-la ao que garimpamos como ataque declarado aos “interesses nacionais” – expressão similarmente abrangedora. (Ou seja, nunca houve dissintonia governista ao capitalismo e ao imperialismo. Se houve, foi sutil, disfarçada e progressiva priorização da burguesia e de projetos domésticos àqueles forâneos. Na melhor das hipóteses, um governo gradual e lentamente pró-nacionalista, superiormente burguês a populista ou trabalhista. Mais, em acatando a noção corrente de presenciarmos o andamento de um golpe institucional, temos de correlacioná-lo à Guerra de Quarta Geração, que por antonomásia, ao contrário das Forças Armadas tradicionais, se ampara na arma midiática, jogando a sociedade contra si (ou a programa de País) ao flexionar os paradigmas político-normativos e orientar a meia volta à direita, com a re(ideo)politização e rejudicialização, anunciadas por Temer, que ambicionam barrar candidaturas de não-diplomados e difamar ostensivamente a governos de esquerda legitimamente eleitos na América do Sul, por intermédio da chancelaria do J. Serra, à título de ilustração.)

<sup>39</sup> A julgar pelo que plantou internamente ao partido e no canteiro político-econômico nacional (engatando a corrosão das conquistas trabalhistas etc.), o PT caminhava para a pior de todas as fisiologias: impedir, a qualquer custo, o florescer de novas esquerdas, mais radicais e libertárias, rogando-se estandarte racional e elevado do “socialismo”. Talvez a direita nazista até saiba disso, apenas avalia não precisar de ajuda extra para controlar o povo e os movimentos socioespaciais.

Ao invés de as táticas seguirem um trajeto planejado, cujo fim estratégico se faria e reforçaria pelos procedimentos táticos,<sup>40</sup> optou-se por obedecer a medidas paliativas que, ao fim, não agradaram nem à sequiosa burguesia e nem ao proletariado, o qual, bem próximo do premeditado fim ou cambaleio do governo petista, no ano de 2013 (com as “revoltas de junho”), já ensaiava gritos de inconformismo, quer por terem desenvolvido o justo e merecido gosto por melhoras, quer por internalizarem alguma insatisfação psíquica, planeada no exterior e introjetada pelos soldados midiáticos<sup>41</sup> e econômicos de dentro, insuflada por forças ocultas do principal “eixo do mal”, o “Estado Terrorista” estadunidense (CHOMSKY, 3/11/2014).

Por tudo a que assistimos, trata-se talvez menos de um puro “golpe” da direita contra o governo de “esquerda” do que uma luta intracapitalista pelo governo, em que a facção extremista, pró-imperialista e fascista da burguesia entreguista toma o lugar central da facção socialdemocrata e pró-nacionalista.

Do ponto de vista jurídico-parlamentar, o metabolismo capitalista nunca esteve em xeque, tão-só descontentava as forças mais retrógradas das quais o governo se equivocou em abeirar, flertar e/ou escorar.

O que dá mostras de desfazer-se é um estilo de governar marcado pelo frágil consensualismo (intra e interpartidário) e uma corruptora pactuação, com o toque da cereja do protonacionalismo a perecer perante a espetacularização da desfaçatez da “igualdade” e da “isonomia”, os quais, como essa jovial “democracia”, tudo o indica, sempre tiveram os dias contados.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> Pensando unicamente no pseudopacto social, porque feito por cima e majoritariamente com e para os de cima (notemos que, para o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento-MAPA foi escolhida uma personagem imputada a um tocaninense clã escravista), fitando combater, ao passo em que fortalecia a política de endividamento, pela contração de dívidas, as quais, ao fim e novamente, destinavam-se a políticas menores, de fornecimento de crédito e subaquecimento do mercado interno, quando, estrategicamente, o governo deveria investir na expansão da produção minifundiária, para aumentar e diversificar a cesta básica, reduzir o preço dos alimentos, desafogar as cidades, retardar a corrosão salarial etc. A distribuição da água, justo esclarecer, segue a toque de caixa, e a continuidade da privatização de rios como o São Francisco ilustram o mote (restando ao povo, se muito, a recepção, demorada, de cisternas). De fato, nem um programa de revolução burguesa se propôs a esquerda *soft*, senão a inteligente (como a que se autointitulou a europeia), a “esquerda intuitiva”, personificada por Lula.

<sup>41</sup> Chamamo-los de soldados porque, empunhando a arma computacional, enfileirados em salas fechadas e camuflados à vista, agitam a sociedade e (de)formam as (in)consciências. Como novos mercenários, por dinheiro não têm pátria ou concidadãos.

<sup>42</sup> Desferido o “golpe brando” (preferimo-lo no lugar de “branco”, como redigido por alguns, que acabam perpetuando a nuance racista da dualidade do branco/negro no jurídico/militar), são ensaiados discursos de finalização da Lava Jato, que longe e em muitos transborda. Piorando a situação, representantes da direita entreguista poderão servir de “boi de piranha”, responsabilizados por um ou outro crime jurídico, visando a sacramentar a panaceia circense de que a “justiça foi feita”, “doa a quem doer”...

Dessarte, da (extrema) direita ou da (*soft*) esquerda, o manifestar golpista era esperado. Da primeira, por razões óbvias: vivem os plutocratas a destilar o poder político do econômico, quintuplicando autocracias. Da “(centro)esquerda”, pela debilidade programática e governista, por arriscar trilhar um “socialismo à brasileira”, com a antropofagia e o “jeitinho” que nos são característicos e que dificilmente alcançariam sucesso, pois, além de distar do povo na sequência pós-eleitoral, de ter de driblar as defesas internas conservadoras e entreguistas, inda teria de se deparar com a ativa e altiva vigília das ocultas forças externas.

Que outra esquerda se erga desse fogaréu.<sup>43</sup>

A direita dura e/ou a esquerda *soft* podem, novamente, estar dando um empurrãozinho nesse sentido.<sup>44</sup>

## REFERÊNCIAS

A MISTERIOSA base que a China está construindo na Patagônia argentina. *BBC Brasil*, 19 mar. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2016/03/misteriosa-base-que-china-esta-construindo-na-patagonia-argentina.html>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

ANÁLISE do impeachment deve levar em conta Lava Jato, diz Janaína. *G1*, 28 abr. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/04/analise-do-impeachment-deve-levar-em-conta-lava-jato-diz-janaina.html>>. Acesso em: 31 maio 2016.

A PRISÃO do pai do programa nuclear brasileiro. *Carta Maior*, 28 jul. 2015. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/A-prisao-do-pai-do-programa-nuclear-brasileiro/4/34101>>. Acesso em: 31 maio 2016.

ARGENTINA decreta estado de sítio. *Estadão*, 19 dez. 2001. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,argentina-decreta-estado-de-sitio,20011219p29945>>. Acesso em: 3 jun. 2016.

---

<sup>43</sup> Quase impossível, não obstante, caso fosse o golpe contornado, o que o petismo teria ainda a contribuir? O que faria? A quem se uniria? No que diferiria? Prosseguiria com a política pró-empregadoras, banqueiros e latifundiários? Acaso não esteja completamente desbotada a legenda, como se rearticulária interna e externamente? (E não se trata de questionamentos a esse partido em particular, mas a todos os que, sofisticadamente ou não, se proclamam de esquerda e que miram fazer a diferença, buscando, sem dogmas, manter a seu lado a força do principal conteúdo – o povo – e a escolha pelas melhores táticas – diálogos internos e externos sobre os princípios básicos da transição socialista etc.)

<sup>44</sup> Basta recordarmos que, contra a recente história privatista da água boliviana, o povo se pôs em luta contra o tempo-espaço dominantes, enfrentando agentes entreguistas internos e internacionais, representantes de multinacionais e do Banco Mundial-BM, à guisa de exemplo). Esquentando celeremente a chaleira da exploração, a burguesia invariavelmente aciona, contra si, a dialética socioespacial. Noutros termos, nunca chegamos nem perto do Fim da Geografia dos “de baixo”.

BIHR, Alain. *Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise*. São Paulo: Boitempo, 1999.

BRASIL compra da França helicópteros e submarinos. *BBC Brasil*, 24 de dez. 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/12/081223\\_lula\\_sarkozy\\_fp\\_2\\_ep.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/12/081223_lula_sarkozy_fp_2_ep.shtml)>. Acesso em: 4 jun. 2016.

BRASIL compra 12 helicópteros russos de combate para a FAB. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 27 nov. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2711200824.htm>>. Acesso em: 9 mar. 2016.

BRASIL e Rússia negociam transferência de tecnologia em projetos no setor de defesa. *Fundep*. Belo Horizonte: UFMG, s.d. Disponível em: <<http://www.fundep.ufmg.br/pagina/3617/brasil-e-russia-negociam-transferencia-de-tecnologia-em-projetos-no-setor-de-defesa.aspx>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

BRASIL. Ministério da Defesa. *Livro branco de defesa nacional*. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/lbdn.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

BRASIL foi alvo de mesma manobra naval dos EUA que irritou China. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 out. 2015.

BRASIL iniciará a produção de míssil com a África do Sul. *Revista Exame*. São Paulo: Abril, 14 dez. 2012. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/brasil-iniciara-producao-de-missil-com-a-africa-do-sul>>. Acesso em: 7 fev. 2016.

CHOMSKY, Noam. The leading terrorist State. *Thuthout*, 3 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.truth-out.org/opinion/item/27201-the-leading-terrorist-state>>. Acesso em: 21 maio 2016.

CINCO olhos, todos em você. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 9 jul. 2014.

CONCORRÊNCIA e espionagem. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 out. 2000, p. A2.

DÍVIDA de diretor da Fiesp com a União é de R\$ 6,9 bi. *Estadão*, São Paulo, 18 jul. 2016. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,divida-de-diretor-da-fiesp-com-a-uniao-e-de-r-6-9-bi,10000063476>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

ENGELS, Friedrich; KAUTSKY, Karl. *O socialismo jurídico*. São Paulo: Ensaio, 1991.

FARINELLI, Victor. Os golpes de Estado no século XXI. s.d., *Rede LatinAmérica*. Disponível em: <<http://redelatinamerica.cartacapital.com.br/os-golpes-de-estado-do-seculo-xxi/>>. Acesso em: 18 maio 2016.

GOVERNO inaugura estaleiro na Base Naval da Marinha em Itaguaí (RJ). *Portal Brasil*, 12 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2014/12/governo-inaugura-estaleiro-na-base-naval-da-marinha-em-itagua-i-rj>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

INQUÉRITO é aberto para apurar alta no valor pago pelos caças Gripen. *G1*, 4 abr. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/04/inquerito-e-aberto-para-apurar-alta-no-valor-pago-pelos-cacas-gripen.html>>. Acesso em: 31 maio 2016.

ISRAEL chama Brasil de “anão diplomático” por convocar embaixador. *G1*, São Paulo, 24 jul. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/israel-lamenta-decisao-do-brasil-de-convocar-embaixador-em-tel-aviv.html>>. Acesso em: 3 jun. 2016.

ISRAELENSE que chamou Brasil de “anão diplomático” deixa o cargo. *G1*, 1 set. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/09/israelense-que-chamou-brasil-de-anao-diplomatico-deixa-o-cargo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2016.

JOINT VENTURE vai construir cabo submarino entre Brasil e Europa. *G1*, Brasília, 30 jun. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/06/joint-venture-vai-construir-cabo-submarino-entre-brasil-e-europa.html>>. Acesso em: 3 jun. 2016.

LEIA íntegra da carta de Lula para acalmar o mercado financeiro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 jun. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fofha/brasil/ult96u33908.shtml>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

LULA: governo popular ou populista? *Carta Maior*, 12 jan. 2007. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Opiniaio/Lula-governo-popular-ou-populista-/21001/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

NOVO cabo submarino entre Brasil e Europa deve baratear internet. *Carta Capital*, 20 jan. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/tecnologia/novo-cabo-submarino-entre-brasil-e-europa-deve-baratear-internet-689.html>>. Acesso em: 3 jun. 2016.

OBAMA admite participação dos EUA no golpe de Estado na Ucrânia. *Voz da Rússia*, 1 fev. 2015. Disponível em: <[http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2015\\_02\\_01/Obama-admite-participa-o-dos-EUA-no-golpe-de-Estado-na-Ucr-nia-1754/](http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2015_02_01/Obama-admite-participa-o-dos-EUA-no-golpe-de-Estado-na-Ucr-nia-1754/)>. Acesso em: 18 maio 2016.

O BRASIL vai conseguir pagar os caças suecos? *BBC Brasil*, 19 out. 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151019\\_gripen\\_suecia\\_lgb\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151019_gripen_suecia_lgb_cc)>. Acesso em: 9 jun. 2016.

OLIVEIRA, André Luis Amorim de; RIBEIRO, Júlio César. Transpassando o labirinto de espelhos pós-moderno: nas mãos, a lanterna da razão e o formão da práxis. *Revista AGB/TL*. Três Lagoas: UFMS, n. 21, ano 12, p. 8-33, maio 2015. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/RevAGB/article/view/917/583>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

POLÍCIA investiga programa de submarinos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 jul. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/07/1661661-policia-investiga-programa-de-submarinos.shtml>>. Acesso em: 31 maio 2016.

POVO, popular, populismo? *Carta Maior*, 7 maio 2006. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Coluna/Povo-popular-populismo-/19134>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

PRÉ-SAL do Brasil contém 176 bilhões de barris de petróleo e gás, diz estudo. *G1*, 10 ago. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/08/pre-sal-do-brasil-contem-176-bilhoes-de-barris-de-petroleo-e-gas-diz-estudo.html>>. Acesso em: 23 de fev. 2016.

PRESIDENTE da Eletronuclear recebeu R\$ 4,5 milhões em propina, diz MPF. *G1*, 28 jul. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2015/07/empreiteiras-pagaram-propina-dirigentes-da-eletronuclear-diz-pf.html>>. Acesso em: 31 maio 2016.

RIBEIRO, Darcy. Salvador Allende e a esquerda desvairada. In: \_\_\_\_\_. *Gentildades*. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 119-141.

RIBEIRO, Júlio César. As veias abertas da cibereconomia: fundamentos da expatriação de excedente na nova economia espacial do capital. *Revista Pegada*, Presidente Prudente: CEGeT, v. 16, n. 2, p. 43-68, dez. 2015. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/3868/3192>>. Acesso em: 5 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Sobre as possíveis geografias do império em tempos de III Revolução Industrial: biotecnologia, caçadores de genes e extrativismo da matéria-prima-homem. *Revista Terra Livre*, AGB-nacional, n. 32, p. 201-218, 2009. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/288/271>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. *Um algo além do capitalismo e outro alguém do comunismo*: considerações sobre metabolismo de capital pós-capitalista. Três Lagoas, 2016 (mimeo).

ROSA, Bruno. Pré-sal: Brasil tem potencial para explorar 55 bilhões de barris. *O Globo*, 16 set. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/pre-sal-brasil-tem-potencial-para-explorar-55-bilhoes-de-barris-6097763>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

SANTOS, Thiago Rocco dos; RIBEIRO, Júlio César. A condominização do território: muros e grades em chão três-lagoense. *Boletim de Geografia*, Maringá: UEM, v. 31, n. 3, p. 67-80, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/20214/12619>>. Acesso em: 11 de mar. 2016.

SÉRGIO Moro, um juiz a serviço da Globo e do PSDB. *Carta Maior*, 18 jun. 2015. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Sergio-Moro-um-juiz-a-servico-da-TV-Globo-e-do-PSDB/4/33770>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

TELEBRAS e IslaLink formam parceria para cabo submarino Brasil-Europa. *Telebras*, 15 jan. 2014. Disponível em: <<http://www.telebras.com.br/inst/?p=5272>>. Acesso em: 3 jun. 2016.

TRATADO como “superstar”, juiz da Lava Jato recebe prêmio de revista nos EUA. *O Dia*, 27 abr. 2016. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/brasil/2016-04-27/tratado-como>>.

superstar-juiz-da-lava-jato-recebe-premio-de-revista-nos-eua.html>. Acesso em: 4 jun. 2016.

WEIL, Josef (Org.). *O Oriente Médio na perspectiva marxista*. São Paulo: Sundermann, 2007.

WIKILEAKES: Temer cedeu informações “sensíveis” aos EUA. *Carta Maior*, 15 maio 2016. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/WikiLeaks-Temer-cedeu-informacoes-sensiveis-aos-EUA/4/36111>>. Acesso em: 18 maio 2016.

WIKILEAKES revela sabotagem contra Brasil tecnológico. *Carta Maior*, 30 jan. 2011. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Wikileaks-revelam-sabotagem-contra-Brasil-tecnologico/6/16403>>. Acesso em: 18 maio 2016.

Submetido em: 10 de junho de 2016

Aceito em: 09 de agosto de 2016